

Estudos sobre argumentação em perspectiva sistêmico-funcional no Sudeste do Brasil (2011–2020): um esboço cartográfico

Studies on argumentation from a systemic functional perspective in the Brazilian Southeast (2011–2020): a cartographic outline

Theodoro C. Farhat

Universidade de São Paulo – Brasil
Universidad Complutense de Madrid – Espanha

Resumo: Parte do projeto *Cartografia da Argumentação: Sudeste*, este artigo mapeia a produção de teses e dissertações na região Sudeste do Brasil, no período de 2011 a 2020, que utilizam a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) como fundamento teórico primário para a investigação de práticas argumentativas. O estudo buscou identificar as teorias da argumentação mobilizadas, os sistemas da LSF que atuam como instrumentos heurísticos recorrentes, os gêneros e registros predominantes, bem como a orientação analítico-descritiva ou aplicada dos estudos. A análise de 27 produções revelou a predominância da metafunção interpessoal – com protagonismo absoluto do sistema de AVALIATIVIDADE –, frequentemente articulada a noções provenientes da Retórica. Os objetos de estudo concentram-se majoritariamente nos domínios jornalístico e educacional, focalizando gêneros como editoriais, artigos de opinião e redações escolares. Os resultados sugerem um cenário equilibrado entre estudos analítico-descritivos e propostas aplicadas ao ensino. O artigo também discute as implicações desses achados para o fortalecimento das pesquisas na interface LSF–argumentação e propõe um balanço crítico sobre os rumos da pesquisa na área.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional. Argumentação. Cartografia. Sudeste. Avaliatividade.

Abstract: Part of the *Cartography of Argumentation: Southeast* project, this article maps the production of theses and dissertations in the Southeast region of Brazil, from 2011 to 2020, that use Systemic Functional Linguistics (SFL) as the primary theoretical framework for investigating argumentative practices. The study aimed to identify the theories of argumentation mobilized, the SFL systems that function as recurrent heuristic instruments, the predominant genres and registers, as well as the studies' analytical-descriptive or applied orientation. The analysis of 27 works revealed the predominance of the interpersonal metafunction—with the APPRAISAL system playing a central role—often articulated with notions derived from Rhetoric. The objects of study are mostly concentrated in the journalistic and educational domains, focusing on genres such as editorials, opinion articles, and school essays. The results suggest a balanced scenario between analytical-descriptive studies and proposals applied to teaching. The article also discusses the implications of these findings for strengthening research at the SFL–argumentation interface and offers a critical overview of the directions taken by research in the field.

Keywords: Systemic Functional Linguistics. Argumentation. Cartography. Southeast. Appraisal.

1 Introdução

Este artigo integra o projeto *Cartografia da Argumentação: Sudeste*, cujo objetivo, em sua fase atual, é mapear a produção da pós-graduação – especificamente dissertações de mestrado e teses de doutorado – dedicada à análise e ao ensino da argumentação em universidades da região Sudeste do Brasil, na década de 2010, nas áreas de Linguística e Letras. De modo mais específico, o presente estudo concentra-se nos trabalhos, coletados pelo projeto, que têm a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF – Halliday, 1978; Matthiessen, 2022) como fundamento teórico primário.

Busca-se, prioritariamente, responder às seguintes perguntas: (1) quais são as teorias da argumentação mais recorrentemente mobilizadas em tais trabalhos?; (2) considerando a variabilidade interna do aparato descritivo da LSF, quais sistemas são mais frequentemente utilizados como instrumentos heurísticos?; (3) em relação aos objetos de estudo, quais os registros e os gêneros predominantes?; (4) predominam trabalhos analíticos ou aplicados?

Com esse objetivo, o artigo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, faz-se uma breve apresentação da Linguística Sistêmico-Funcional, discutindo as dimensões que organizam a “arquitetura” da teoria. A isso se segue uma discussão dos procedimentos metodológicos que guiaram o desenvolvimento do trabalho. Na sequência, apresentam-se os resultados primários da pesquisa, organizados segundo as quatro questões listadas no parágrafo anterior. Esses resultados são então interpretados à luz de (1) hipóteses explicativas e, sobretudo, de (2) suas possíveis consequências para investigações sistêmico-funcionais sobre a argumentação. Por fim, as considerações finais esboçam um balanço sobre os caminhos que a pesquisa sistêmico-funcional sobre argumentação pode percorrer no futuro.

2 Linguística Sistêmico-Funcional: panorama teórico

Como indicado pelo seu nome, a LSF é uma teoria sistêmica e funcional. É **sistêmica** porque dá prioridade ao eixo paradigmático (ou sistêmico) da descrição linguística, vendo o eixo sintagmático (ou estrutural) como subordinado a ele. Assim, a LSF tem como objeto primário de descrição as “variações” que podem surgir a partir de um dado objeto linguístico. Por exemplo, uma oração como “A professora chegou” pode ser “variada” para “A professora *sorriu*”, “A professora *existiu*”, “A professora *amou*”, etc.; mas essa mesma oração pode ser alterada para “A professora chegou?”, “A professora *não* chegou”, “*Talvez* a professora chegue”, etc.; ou ainda, para “*Ela* chegou”, “*Foi* a professora *que* chegou”, “Chegou a professora”, etc. Ocorre que cada uma dessas séries de alterações está ligada a uma grande função linguística:

Uma distinção como “A professora chegou” vs. “A professora amou” está ligada à função **ideacional**: a língua funciona para representar diferentes experiências (reais ou não).

Já distinções como “A professora chegou?” vs. “A professora não chegou” vs. “Talvez a professora chegue” estão vinculadas à função **interpessoal**: a língua funciona para interagir, negociar, avaliar intersubjetivamente.

E distinções como “Ela chegou” vs. “Foi a professora que chegou” vs. “Chegou a professora” exemplificam a função **textual**: a língua também funciona para compor textos, “todos significativos” – coesos, etc.

Assim, ao descrever a língua por meio de sistemas, a LSF explora o seu caráter **funcional**: nas palavras de Halliday (1978, p. 21, tradução nossa), a “língua é como é por causa das funções que evoluiu para desempenhar na vida das pessoas”. As três funções listadas acima (ideacional, interpessoal e textual) são tão gerais que serviriam como princípio organizacional da língua como um todo, ainda que vista em termos bastante abstratos – a *langue* de

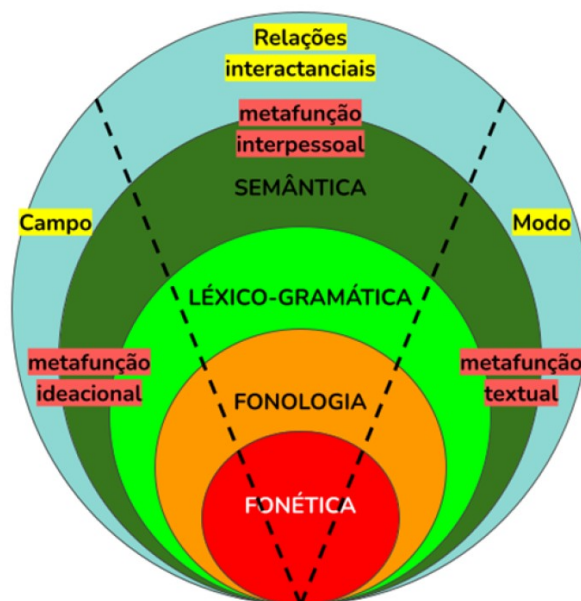
Saussure. Por isso, mais do que meras funções, são **metafunções**.

Além de organizada metafuncionalmente, a língua também é **estratificada**: ou seja, os diferentes sistemas linguísticos estão em diferentes graus de abstração, desde o nível fonético-fonológico até o contextual. Por exemplo, um enunciado como “A professora chegou?”, se oralizado, pode ser visto como: (1) uma expressão concreta, materializada foneticamente, caracterizada (entre várias outras coisas) por uma entoação ascendente, em contraste com a entoação descendente; (2) uma forma léxico-gramatical caracterizada por uma sequência de três palavras, em que o verbo está no modo indicativo (em contraste, por exemplo, com o subjuntivo e o imperativo); (3) um ato de fala em que se demanda uma informação – ou seja, uma pergunta, em contraste com atos como declarações e ordens; (4) um sinal de uma relação em que o produtor é um

“perguntador” (alguém que supostamente sabe menos) e o receptor é um “respondedor” (alguém que supostamente sabe mais).

Cada um desses níveis corresponde a um estrato: (1) **plano de expressão**: fonologia e fonética (e sistemas gráficos, na língua escrita); (2) **léxico-gramática**: a organização “formal” do significado, isto é, em estruturas especificáveis em termos de morfemas, palavras, grupos/sintagmas e orações; (3) **semântica**: a organização dos significados que estão “acima da oração”, seja porque compõem estruturas que não se limitam ao domínio da oração, seja porque podem ser realizados de diferentes formas (de modo mais ou menos congruente) pela léxico-gramática; (4) **contexto**: organização de categorias culturais semioticamente relevantes (p. ex. graus de intimidade, hierarquias de saber, atividades culturais). Ver Figura 1.

Figura 1 – Estratificação e metafunções



Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 26).

Crucialmente, os estratos não são “módulos” independentes, mas níveis organizados em termos de **realização**, em que padrões em um estrato são “expressos” pelo imediatamente “abaixo”. Disso resulta o seguinte esquema, em que \searrow significa “é realizado por”:

- contexto \searrow linguagem;
- ou contexto \searrow (conteúdo \searrow expressão);

- ou contexto \searrow ((semântica \searrow léxico-gramática) \searrow (fonologia \searrow fonética)).

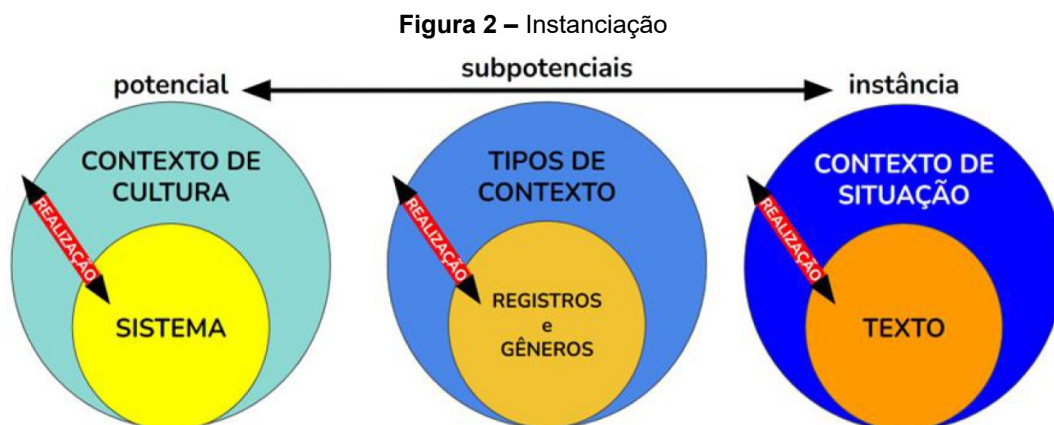
Voltando ao exemplo, em “A professora chegou?”, a desigualdade de saberes (no contexto) levaria à formulação de uma pergunta (na semântica), que por sua vez seria expressa por uma oração interrogativa (na léxico-gramática) e por uma entoação ascendente (na expressão): *desigualdade de saberes*

↘ ((*pergunta* ↘ *oração interrogativa*) ↘ (*entoação ascendente*)).

Nessa perspectiva, focaliza-se a *ativação*: elementos contextuais “ativam” elementos semânticos, etc. A LSF também prevê, no entanto, o movimento na direção contrária, de *construção* (Hasan, 2009, 2013): a pergunta pode construir uma relação de desigualdade de saberes, etc. Assim, língua e contexto (incluindo sistemas culturais complexos) estão em uma relação de constituição mútua e contínua – uma **dialética realizacional** (Hasan, 2013).

Por fim, a LSF também é estruturada pela dimensão de **instanciação**. Trata-se de uma escala de generalidade, descrevendo como o investigador encara o objeto linguístico – como um ato único específico, como um exemplar da língua como um

todo, ou como um padrão intermediário (registro, gênero discursivo). Voltando ao exemplo, “A professora chegou?” pode ser visto (1) como um ato verbal concreto e específico, uma **instância** em alguma medida irrepitível; (2) como um exemplar do **potencial** de significação global da língua portuguesa, reproduzindo padrões muito gerais (por exemplo, a concordância entre “A professora” e “chegou”); (3) como uma amostra de um padrão mais geral do que o ato específico, mas mais específico do que a língua como um todo, um **subpotencial** – no caso em discussão, por exemplo, pode-se imaginar que tal enunciado se repete frequentemente em situações de “início de dia letivo”, entre alunos que procuram calibrar seu comportamento em relação à atividade que está para começar. Ver Figura 2.



Fonte: elaboração própria.

A LSF posiciona esses três graus de generalidade – instância, potencial e subpotencial – como interdependentes. Não pode haver análise de um texto que ignore as propriedades do potencial geral instanciado pelo texto, assim como não pode haver descrição linguística que ignore os textos concretos que instanciam a língua; e tanto a descrição linguística quanto a análise textual são dependentes de entender que a linguagem é culturalmente organizada em torno de subpotenciais – modos dinamicamente estáveis de agir semioticamente.

Para discussões mais aprofundadas sobre os fundamentos teóricos, descritivos e analíticos da LSF e seu desenvolvimento histórico, recomenda-se a

leitura de Halliday (2003, 2009), Matthiessen (2022) e Martin e Wang (2026).

3 Procedimentos metodológicos

O estudo foi organizado em três etapas: (1) seleção do *subcorpus*; (2) categorização e normalização; (3) geração de resultados e interpretação.

1. Seleção do *subcorpus*

O projeto *Cartografia da Argumentação: Sudeste*, cuja metodologia geral está relatada em Azevedo (*no prelo*), gerou um *corpus*-planilha com cerca de 700 trabalhos, contendo seus metadados

imediatos (título, autor, orientador, resumo, palavras-chave, universidade de defesa, estado) e metadados que já implicavam algum grau de análise por parte dos participantes do projeto: teoria da argumentação mobilizada, interfaces teóricas, gênero discursivo em análise, categorias analíticas utilizadas; e, no caso de trabalhos orientados ao ensino, a natureza da aplicação (intervencionista, etc.).

Uma leitura inicial de tal planilha indicou que (1) havia uma quantidade relevante de trabalhos fundamentados pela LSF; (2) embora algumas tendências gerais já pudessem ser antevistas, havia algum grau de heterogeneidade entre os trabalhos. Assim, surgiu a ideia do presente estudo, que teve como objeto justamente o *subcorpus* resultante da extração, a partir da planilha geral, de trabalhos orientados pela LSF.

Isso se deu por meio de buscas, por meio do comando de busca (*Control + F*), de termos que se consideram índices de tal fundamentação teórica: “sistêmico-funcional”, “Halliday”, “avaliatividade”, “transitividade”, “Hasan”, “Martin”, entre outros. As linhas da planilha encontradas foram então transpostas para outra planilha; havia cerca de 32 trabalhos. Procedeu-se, com isso, à leitura de cada linha, de modo a garantir que cada trabalho de fato estava fundamentado pela LSF; isso resultou na remoção de alguns trabalhos que haviam sido incluídos indevidamente – por exemplo, uma produção que mencionava Tereza Lúcia Halliday, autora de retórica sem ligação com o sistemicista M. A. K. Halliday.

Com isso, chegou-se à quantidade de 27 trabalhos analisados. Embora se trate de número não muito expressivo em relação ao total de trabalhos coletados pelo projeto (cerca de 3,8% da totalidade), considerou-se tal quantidade suficiente para representar um recorte bastante específico (produções de LSF sobre argumentação do Sudeste na década de 2010).

2. Categorização e normalização

Conforme apontado, a planilha geral do projeto já continha, em alguma medida, traços de

análise. A segunda etapa da pesquisa se centrou em (a) acrescentar camadas a tais elementos analíticos, aprimorando a categorização e (b) normalizar a categorização utilizada, tornando-a mais uniforme.

O acréscimo de camadas analíticas se deu por meio da inclusão de novas colunas na planilha: (1) sistema: aqui, explicitaram-se os sistemas que cada trabalho utilizou como instrumento analítico (p. ex. TRANSITIVIDADE, MODALIDADE, TEMA); (2) tais sistemas vinculam-se a quais metafunções (p. ex., transitividade – ideacional). Já a normalização se voltou à uniformização das categorias utilizadas nas colunas analíticas da planilha geral; por exemplo, na coluna de “teoria da argumentação”, em alguns casos se utilizavam termos diferentes para se referir à mesma perspectiva teórica; analogamente, os rótulos utilizados para descrever os mesmos gêneros discursivos investigados por vezes eram divergentes (p. ex. “editorial” versus “editorial jornalístico”).

3. Geração de resultados e interpretação

Após a categorização e a normalização dos dados do *subcorpus*, foi possível gerar os resultados primários da pesquisa: fundamentalmente, dados quantitativos sobre (1) as teorias da argumentação mais recorrentemente mobilizadas; (2) os sistemas da LSF mais frequentemente utilizados como instrumentos heurísticos; (3) os registros e os gêneros predominantemente investigados; (4) a natureza analítico-descritiva e/ou aplicada dos trabalhos. Tais elementos estão detalhados na seção 4.

Esses resultados “brutos” foram, então, interpretados. Em particular, procuraram-se, em tais resultados, (1) indícios sobre tendências teóricas, analíticas e aplicadas e (2) possíveis espaços para expansão e aprimoramento da área. Tais discussões são apresentadas na seção 5.

4 Resultados

Os resultados estão organizados, nesta seção, segundo as quatro perguntas que orientaram a condução da pesquisa.

4.1 Entre a LSF e as teorias da argumentação: preponderância retórica

Tabela 1 - Teorias da argumentação articuladas à LSF

Teoria	Ocorrências	Proporção
Retórica	10	37%
Nova Retórica	3	11,1%
Toulmin e Retórica	1	3,7%
Lógica Informal	1	3,7%
Não especificada	12	44,4%
<i>Total</i>	27	99,9%

Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito à interface entre a LSF e as diferentes teorias da argumentação, observou-se uma clara preponderância de perspectivas retóricas: dos 27 trabalhos analisados, 13 (48%) foram classificados como filiados a perspectivas retóricas (“Retórica” e “Nova Retórica”), aliando o aparato teórico-metodológico da LSF à obra fundamental de Aristóteles e seus desenvolvimentos contemporâneos, em particular o *Tratado da Argumentação* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]).

Por exemplo, Silva (2012) – “A nominalização e a persuasão implícita em editoriais” – investiga o fenômeno da nominalização, entendido na LSF como “metáfora gramatical ideacional”, como uma estratégia de “persuasão implícita”; analogamente, Abreu (2013) – “Vozes de julgamento como pontos de argumentação na produção escrita de alunos de Ensino Médio: abordagem sociodiscursiva e sociosemiótica” – articula a análise de atitudes (parte do sistema de AVALIATIVIDADE) à teoria da

argumentação exposta por Breton (2003), de orientação primariamente retórica.

O segundo maior grupo (12/27 – 44,4%), em termos de ancoragem teórica sobre a argumentação, é o dos trabalhos que *não* se fundamentam explicitamente em uma teoria da argumentação específica.

Finalmente, a presença de perspectivas lógicas e dialéticas (considerando o “triuvirato” tradicional das teorias da argumentação – cf. Johnson, 2020; Gonçalves-Segundo, 2025) é mínima, ainda que não ausente. Por exemplo, Cantanhede (2016), em “Recursos retóricos para a realização da persuasão implícita em textos argumentativos” explicitamente vincula seu trabalho à lógica informal; e Arahata (2011) articula-se a Toulmin (2003 [1958]), também associado às abordagens lógicas da argumentação.

4.2 Metafunções e sistemas: o domínio do interpessoal

Tabela 2 - Orientação metafuncional das pesquisas

Metafunção	Ocorrências	Proporção
Interpessoal	14	51,9%
Ideacional	5	18,5%
Textual	3	11,1%
Ideacional/interpessoal	2	7,4%
Não especificado/vago	3	11,1%
<i>Total</i>	27	100%

Fonte: elaboração própria.

Tabela 3 - Orientação sistêmica das pesquisas

Sistema/fenômeno	Ocorrências	Proporção
AVALIATIVIDADE	11	40,7%
TAXE/REL. LÓGICO-SEMÂNTICA	2	7,4%
COESÃO	2	7,4%
TRANSITIVIDADE, MODALIDADE e AVALIATIVIDADE	2	7,4%
MODALIDADE	2	7,4%
MODALIDADE e AVALIATIVIDADE	1	3,7%
CONJUNÇÃO	1	3,7%
TRANSITIVIDADE	1	3,7%
TEMA	1	3,7%
Metáfora gramatical ideacional	1	3,7%
Não especificado/vago	3	11,1%
<i>Total</i>	27	99,9%

Fonte: elaboração própria.

Em relação à orientação metafuncional dos trabalhos – isto é, se se voltam a aspectos interpessoais, textuais ou ideacionais dos *corpora* –, há uma clara predominância da metafunção interpessoal: 16 dos 27 trabalhos (59,25%) são orientados interpessoalmente (dos quais, em dois casos, há também uma orientação ideacional simultânea). Mais especificamente, 40,7% dos trabalhos utilizam o sistema semântico-discursivo de AVALIATIVIDADE, que descreve os significados atitudinais e dialógicos do texto, como instrumento heurístico central; em dois casos, ele é utilizado em conjunto com TRANSITIVIDADE e MODALIDADE; e, em um, com MODALIDADE. A MODALIDADE, o sistema léxico-gramatical que descreve as possibilidades de (não) comprometimento do interactante em relação àquilo que se diz, é um dos recursos mais importantes na realização da AVALIATIVIDADE, de modo que sua recorrência reforça o domínio de tais significados.

Exemplos de trabalhos centrados na avaliatividade são: Santana (2011), que investigou o papel de diversos recursos interpessoais na construção da “persuasão” e do “convencimento” em artigos de opinião; Arahata (2011), que focalizou a avaliatividade como parte da construção da “persuasão implícita” em editoriais jornalísticos; e Fisciletti (2014), que investigou a realização de

significados avaliativos por meio do uso argumentativo de predicativos em sentenças judiciais.

Em segundo lugar, com 7 trabalhos (30%), estão aqueles que se voltam a aspectos ideacionais do texto (novamente, houve dois trabalhos que se voltaram ao ideacional e ao interpessoal). Aqui, o objeto é mais disperso:

Três trabalhos se voltam ao sistema de TRANSITIVIDADE, que descreve os aspectos representacionais da oração – fundamentalmente, em termos de seis tipos de processo (realizados pelo verbo) e os participantes que os acompanham, além de circunstâncias opcionais. Por exemplo, Pires (2013) investigou estratégias argumentativas e padrões de transitividade em textos de autoajuda voltados ao público feminino.

Dois trabalhos se dedicam aos sistemas lógicos de TAXE e RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA, que dizem respeito às relações de “subordinação” e “coordenação” entre as orações e aos sentidos construídos por sua combinação. Por exemplo, Bastos (2014) explorou o uso de orações hipotéticas circunstanciais em redações escolares, verificando que seu desgarramento tem relevância argumentativa.

Um trabalho (Silva, 2012) se volta não a um sistema, mas ao fenômeno da metáfora gramatical ideacional – que diz respeito, primariamente, às

nominalizações, em que processos e qualidades são codificadas léxico-gramaticalmente como “coisas” (isto é, substantivos): belo-beleza, construir-construção, etc.

Já o trabalho de Souza (2015) se volta ao sistema semântico de CONJUNÇÃO – que descreve as relações lógico-semânticas que articulam partes de um texto (por isso, tal sistema tem forte interface com sistemas textuais).

Por fim, três produções (11,1%) se centram em sistemas textuais: COESÃO (dois trabalhos) e TEMA (um trabalho). É o caso de Defendi (2013), que estudou processos conclusivos em redações de vestibular, e Santos (2017), que investigou a organização temática em redações do ENEM.

4.3 Gêneros: entre o jornalístico e o educacional

Tabela 4 - Gêneros discursivos focalizados

Gênero	Ocorrências	Proporção
Redação escolar	7	25,9%
Editorial	6	22,2%
Artigo de opinião	3	11,1%
Redação de ENEM/vestibular	2	7,4%
Comunicação oral por VHF	1	3,7%
Discurso de posse	1	3,7%
Discursos e debates parlamentares	1	3,7%
Diversos	1	3,7%
Documentos institucionais oficiais	1	3,7%
Peça teatral	1	3,7%
Propaganda	1	3,7%
Livro de autoajuda	1	3,7%
Sentença judicial	1	3,7%
<i>Total</i>	27	99,9%

Fonte: elaboração própria.

Em relação aos gêneros discursivos mais frequentemente focalizados pelos trabalhos, há uma clara força em dois grandes grupos: (1) gêneros escolares/de acesso à universidade: juntos, “redações escolares” e “redações do ENEM/vestibular” compõem um terço do total de trabalhos; (2) gêneros jornalísticos: os gêneros “editorial” e “artigo de opinião”

perfazem também um terço dos trabalhos. O terço restante é composto por gêneros de diversos campos, com destaque para produções de caráter político e/ou institucional.

4.4 Descrição, análise e aplicação

Tabela 5 - Orientação analítico-descritiva ou aplicada

Orientação	Ocorrências	Proporção
Analítico-descritiva	16	59,3%
Aplicada	11	40,7%
<i>Total</i>	27	100%

Fonte: elaboração própria.

Por fim, em relação à natureza analítico-descritiva ou aplicada das pesquisas, parece haver um equilíbrio: dezesseis (59,3%) têm caráter predominantemente analítico-descritivo, enquanto onze (40,7%) orientam-se à aplicação – em particular, para a prática do ensino.

5 Interpretações e implicações

Nesta seção, discutem-se algumas questões mais interpretativas. Em primeiro lugar, o que poderia explicar os resultados encontrados? Em segundo, quais suas implicações para o campo da LSF e da argumentação?

No que diz respeito à força das perspectivas retóricas entre os trabalhos sistêmico-funcionais, é plausível que haja duas explicações complementares – para uma discussão mais detalhada, ver Farhat e Gonçalves-Segundo (*no prelo*). Em linhas gerais, há, por motivos históricos, uma força generalizada da retórica no Brasil, possivelmente vinculada à ancoragem francófona (e francófila) das humanidades no país. Isso teria privilegiado o diálogo dos estudos da linguagem com perspectivas como a retórica e análise do discurso francesa.

Ao mesmo tempo, também é plausível considerar que haja uma “afinidade” entre perspectivas retóricas e os estudos da linguagem, especialmente nas teorias de orientação funcional e/ou discursiva. O próprio Halliday (1978) inscreve a LSF em uma tradição “retórico-etnográfica”, em oposição à tradição “lógico-filosófica” das teorias formalistas (cf. Halliday; Matthiessen, 2006, Seção 10.1):

o que importa é que o tempo todo trocamos significados, e a troca de significados é um processo criativo no qual a língua é um recurso simbólico – talvez o principal que temos, mas ainda um entre outros. Quando passamos a interpretar a língua nessa perspectiva, a estrutura conceitual provavelmente será extraída da retórica em vez da lógica, e a gramática provavelmente será uma gramática de escolhas em vez de regras (Halliday, 1978, p. 4; tradução nossa).

Assim, a visão da língua como um recurso funcionalmente organizado para a ação social

encontraria eco natural na retórica, que entende o discurso justamente como uma ferramenta de influência e negociação.

Essa afinidade se manifesta com mais concretude na hegemonia da metafunção interpessoal e, especificamente, do sistema de AVALIATIVIDADE. A força desse sistema (presente em 40,7% da amostra) parece refletir uma tendência mundial na LSF (cf. Cheng, 2024): desde a publicação de Martin e White (2005), fundamental para a descrição do sistema, a teoria se mostrou particularmente poderosa para a descrição de como os falantes negociam sentimentos e alinham audiências, o que está em forte consonância com uma orientação retórica. Portanto, em termos de sua interface com a argumentação, a avaliatividade parece ter se tornado o instrumento heurístico por excelência para descrever o *ethos* e o *pathos* (mesmo que não se usem tais categorias explicitamente), permitindo uma leitura técnica de como o posicionamento autoral constrói a persuasão. Para mencionar Meyer (2007), a retórica é uma “negociação de distâncias” – e essa distância é negociada, crucialmente, por meio de significados avaliativos.

Quanto aos objetos de estudo, a concentração em gêneros como redações escolares e editoriais não é fortuita. Parece-nos que tal padrão reflete sobretudo as demandas das tradições curriculares brasileiras, que têm privilegiado o campo jornalístico como paradigmático para o ensino de língua (cf. Schmitt; Pinton, 2021; Masera, 2023), e a centralidade do ingresso universitário (ENEM e vestibulares) como preocupação da pesquisa em Linguística Aplicada – refletindo, claramente, as preocupações dos próprios alunos e professores.

Por fim, em relação à natureza das pesquisas, o equilíbrio encontrado entre trabalhos analítico-descritivos (59,3%) e aplicados (40,7%) parece evidenciar a vocação da LSF como uma “linguística aplicável” (Halliday, 2008; Matthiessen, 2012): não se trata meramente de “transpor” a teoria para a prática, mas de propor estudos descritivos e analíticos motivados por questões práticas e, simultaneamente, desenvolver trabalhos práticos com implicações teóricas.

As considerações anteriores sugerem que os trabalhos investigados são indícios de um campo em consolidação, com características próprias da apropriação brasileira da LSF e dos estudos da argumentação. Entretanto, os dados também sugerem algumas "zonas de sombra" que mereceriam atenção da comunidade. Primeiramente, considera-se que, ainda que já haja claramente um engajamento sério entre a LSF e as teorias da argumentação, seria desejável um envolvimento mais **plural**. A quase ausência de diálogos com a Pragmadialética (van Eemeren, 2018) ou com a Lógica Informal (Johnson; Blair, 2006 [1977]), perspectivas que têm relevância mundial e não são desconhecidas no Brasil (ainda que certamente não sejam hegemônicas), sugere que as dimensões do conflito regulado e da reconstrução do raciocínio argumentativo ainda são pouco exploradas pelos sistemicistas brasileiros (ou, ao menos, pelos do Sudeste), que tenderiam a focar mais no papel da linguagem no processo persuasivo do que na sua relevância na gestão "raciocinada" da diferença.

Além disso, é preciso reconhecer que a argumentação não é um fenômeno exclusivamente interpessoal. Embora a avaliatividade seja central, os sistemas das outras metafunções – como as relações lógico-semânticas (ideacional) e a progressão temática (textual) – desempenham papéis cruciais nas práticas argumentativas. Uma perspectiva sistêmico-funcional sobre argumentação plena deve, portanto, ser *multimetafuncional* – como o estudo de qualquer fenômeno semiótico com base na LSF, ainda que estudos específicos sigam necessariamente recortes.

De fato, as necessidades de pluralização teórica e metafuncional andam "de mãos dadas": por exemplo, ao explorar como raciocínios argumentativos (o objeto tradicional da Lógica Informal) são realizados linguisticamente, um estudo sistêmico-funcional poderia unir o uso de sistemas semânticos de orientação ideacional, como a interpretação, na LSF, da Teoria da Estrutura Retórica (Matthiessen, 2015), ao estudo do *logos* em sentido estrito. Analogamente, o uso de sistemas semântico-discursivos de orientação textual, como a PERIODICIDADE de Martin

(1992), poderia representar contribuições importantes ao estudo das técnicas da *dispositio* retórica.

Por fim, há um vasto campo de subpotenciais argumentativos a serem explorados para além dos campos escolar e jornalístico – que, ademais, tendem fortemente à modalidade escrita da língua. A argumentação ocorre nas mais diferentes esferas: em interações cotidianas e institucionalizadas, em ambientes formais e informais. A LSF, como teoria que por vocação busca descrever e explicar a heterogeneidade culturalmente motivada das práticas de linguagem, deve buscar ativamente corpora que reflitam tal diversidade. Essa ampliação significaria um enriquecimento interno dos estudos brasileiros em LSF e de sua contribuição para os estudos da argumentação como um todo.

6 Considerações finais

Este artigo buscou oferecer um esboço cartográfico da produção acadêmica na interface LSF–argumentação na região Sudeste do Brasil entre 2011 e 2020. A análise das 27 produções selecionadas sugere um campo produtivo, predominantemente ancorado na metafunção interpessoal e em diálogo contínuo com a tradição retórica, apresentando não só investigações analítico-descritivas, mas também aplicações pedagógicas.

É necessário, contudo, reconhecer as limitações deste estudo. Trata-se de um recorte geográfico e temporal bastante específico, que de nenhum modo pretende esgotar a riqueza da produção nacional. Ademais, a natureza dos dados, baseada majoritariamente em resumos e metadados, pode por vezes ter negligenciado nuances presentes no corpo completo dos trabalhos.

Ainda assim, considera-se o balanço positivo. A LSF se mostra como um fundamento teórico robusto para a investigação da argumentação no Brasil. O desafio para as próximas décadas é o de expandir essas fronteiras, buscando uma integração metafuncional mais ampla e um diálogo mais diversificado com as teorias da argumentação contemporâneas. Espera-se que esta cartografia sirva

como um ponto de partida para que novos pesquisadores possam identificar não apenas onde a área está, mas para onde ela pode crescer.

Agradecimentos

Este artigo contém resultados vinculados ao projeto “Para um Modelo Sistêmico-Funcional da Argumentação”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2024/15302-7).

Referências

- ABREU, A. R. *Vozes de julgamento como pontos de argumentação na produção escrita de alunos do Ensino Médio*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ARAHATA, A. K. *A persuasão implícita e a argumentação através dos modos narrativo e descritivo*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- AZEVEDO, I. C. M. *A metodologia cartográfica. No prelo*.
- BASTOS, K. O. *Trabalhando fora, estudando e cuidando da família: o desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais e seu status no ensino*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. Tradução Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- CANTANHEDE, C. S. S. *Recursos retóricos para a realização da persuasão implícita em textos argumentativos*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CHENG, S. A review of interpersonal metafunction studies in systemic functional linguistics (2012–2022). *Journal of World Languages*, v. 10, n. 3, p. 623-667, 2024.
- DEFENDI, C. L. *“Portanto, conclui-se que”*: processos de conclusão em textos argumentativos. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *Filiações teóricas de pesquisas sobre ensino de argumentação no Sudeste na década de 2010. No prelo*.
- FISCILETTI, F. R. D. *O uso dos predicativos como estratégia argumentativa em sentenças judiciais*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *Argumentação prática: teoria, método e análise*. Campinas: Pontes, 2025.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: The social interpretation of language and meaning*. London: Hodder Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. *On Language and Linguistics: Volume 3 in the Collected Works of M. A. K. Halliday*. London/New York: Continuum, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. Working the meaning: towards an applicable linguistics. In: WEBSTER, J. (ed.). *Meaning in Context: strategies for implementing intelligent applications of language studies*. London: Continuum, 2008. p. 7-23.
- HALLIDAY, M. A. K. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (ed.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum International, 2009. p. 59-86.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing Experience Through Meaning: a Language-based Approach to Cognition*. London: Continuum, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.
- HASAN, R. The place of context in a systemic functional model. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (eds.) *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2009. p. 166-189.

- HASAN, R. Choice, System, Realisation: Describing Language as Meaning Potential. In: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (ed.). *Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 269-299.
- JOHNSON, R. Revisitando o Triunvirato lógica/dialética/retórica. *EID&A*, v. 20, n. 1, p. 254–273, 2020.
- JOHNSON, R. H.; BLAIR, J. A. *Logical self-defense*. New York: International Debate Education Association, 2006.
- MARTIN, J. R. *English Text: System and Structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- MARTIN, J. R.; WANG, Pin. *A practical guide to system networks: Modelling paradigmatic relations for language description in Systemic Functional Linguistics*. London: Bloomsbury Academic, 2026.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation*. Hampshire: Palgrave, 2005.
- MASERA, J. C. *Os gêneros do discurso do campo jornalístico midiático na BNCC*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. Systemic functional linguistics as applicable linguistics. *DELTA*, v. 28, p. 435-471, 2012.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. Register in the round: Registerial cartography. *Functional Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 9, 2015.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. *System in Systemic Functional Linguistics: A System-based Theory of Language*. Sheffield: Equinox, 2022.
- MEYER, M. *Questões de Retórica*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1958].
- PIRES, E. T. *A transitividade nos textos de autoajuda para mulheres*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SANTANA, L. V. *Recursos linguísticos interpessoais na argumentação: análise de artigos de opinião em uma perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- SANTOS, A. C. S. *A organização temática nas redações do Enem: uma abordagem sistêmico-funcional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SCHMITT, R. M.; PINTON, F. M. A BNCC e o Ensino de Língua Portuguesa: em foco as habilidades do campo de atuação jornalístico-midiático. *Organon*, v. 36, n. 71, p. 199-216, 2021.
- SOUZA, M. V. C. *Relações conjuntivas de causalidade em editoriais*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1958].
- VAN EEMEREN, F. H. *Argumentation Theory: A Pragma-Dialectical Perspective*. Cham: Springer, 2018.